

manteve um salão literário em Montevideu de 1932 a 1946.

Walter Carlos Costa
UFSC

Vila-Matas, Enrique. *Bartleby e companhia*, tradução de Maria Carolina de Araújo e Josely Vianna Baptista. São Paulo: CosacNaify, 2004. 188 pp.

Narrativa rastreadora de Bartlebys ou de escritores do Não, *Bartleby e companhia*, de autoria de Enrique Vila-Matas, foi lançado na Espanha em 2000. Traduzido no Brasil por Maria Carolina de Araújo e Josely Vianna Baptista, em 2004, pela Editora CosacNaify.

O narrador de *Bartleby e companhia* se intitula um Bartleby e daí justifica seu interesse por esses seres. Bartlebys, segundo o narrador, são aqueles seres nos quais habitam uma profunda negação do mundo. Seu nome é emprestado do escrevente, o copista do conto de Melville, *Bartleby, o escriturário – Uma história de Wall Street* (2003). O Bartleby de Melville é um ser completamente apático e alheio ao mundo que o cerca. Jamais foi visto lendo, escrevendo e permanece por inúmeras horas parado diante de uma parede pálida da Wall Street. O Bartleby de Melville parece nunca ter tomado uma cerveja, nem um café ou chá entre amigos. Vive o tempo todo no escritório, inclusive, cer-

to dia, seu patrão descobre que Bartleby faz do local de trabalho a sua própria residência. Quando é encarregado de realizar qualquer tarefa, costuma responder da seguinte forma: “Prefiro não o fazer”.

O narrador de *Bartleby e companhia* é um estudioso desse mal endêmico que aflige as letras contemporâneas, fazendo com que centenas de criadores nunca cheguem a escrever nada, ou então escrevam um ou dois livros e a seguir, de um momento para outro, fiquem literalmente paralisados para sempre. Nesse rastreamento por Bartlebys da literatura, ele encontra centenas desses escritores do Não, dentre os quais Hoffman, Walser, Rimbaud, Juan Rulfo, Musil, Chamford, Salinger, Valéry, entre tantos outros.

O narrador se apresenta como um homem absolutamente solitário, sem nenhuma sorte com as mulheres, e que, além de ter que carregar uma penosa corcunda, trabalha em um escritório horroroso. Ele conta que o seu interesse por Bartlebys nasceu de um feliz episódio. Diz que certa vez, no escritório em que trabalhava, ouviu a secretária dizer a alguém por telefone que o senhor Bartleby, o chefe, estava em reunião. Claro que o narrador enganou seus ouvidos, mas o fato é que a partir desse instante decidiu rastrear os Bartlebys da literatura e também a escritura. Decidiu fazer uma espécie de diário que é, ao mesmo tempo, um caderno de notas de rodapé comentando um texto invisível (nem por isso inexistente) sobre os escritores atingi-

dos pelo Mal, por essa pulsão negativa que os tornam escritores do Não.

De fato, esse equívoco auditivo faz com que o narrador, depois de vinte e cinco anos de silêncio, retorne à escrita (havia escrito um romance sobre a impossibilidade do amor) e resolva remexer nos segredos mais profundos de certos criadores que renunciaram à criação literária. Em seus questionamentos ele alude ao fato de que somente do labirinto do Não pode surgir a escrita por vir. Somente do rastreamento desse fio de Ariadne é que podem surgir os caminhos para essa escrita que virá. Em seguida aponta para outro caminho para o surgimento da escritura por vir: “Entre a futilidade da pura criatividade artística e o terrorismo da negatividade, talvez haja lugar para algo diferente: a moral da forma, o prazer de um objeto bem-acabado”. Nessa dupla versão por uma possível busca pela escrita por vir, o escritor procura incansavelmente a mais alta exatidão das palavras e a mais extrema dissolução das mesmas.

Em oitenta e seis notas de rodapé vão aparecendo esses homens da literatura do Não, alguns fictícios, outros, na grande maioria, escritores que realmente fizeram de suas vidas uma busca alucinada à fonte da escrita, aquela da qual parece sair todos os livros.

O primeiro Bartleby que aparece é Robert Walser, escritor que de acordo com as palavras do narrador sabia que “escrever que não se pode

escrever também é escrever”. Walser retirava-se para a “Câmara de Escrita para Desocupados” e trabalhava como um copista, como Bartleby. Entre Walser, o inventor do Instituto Benjamenta e da personagem Jakob von Guten (homônimo da obra *Jakob von Guten* (1999)) e a personagem Bartleby de Melville apressa-se um paralelismo evidente. A obediência de Walser e a desobediência de Bartleby enunciam uma profunda impossibilidade diante da procura pela palavra essencial. Escrever não é mais ir ao encontro de territórios da imaginação, é sempre um tremor, uma contemplação ao fundo da lama, é a precisão de encontrar o vazio. Seres como Walser copiam escritas que os atravessam. Walser diz, através da fala de Jakob, que não evolui, Bartleby que não quer mudanças. A afinidade entre ambos fica pela mesma medida “do silêncio e de certo uso decorativo da palavra”. Como dizia Marguerite Duras: “Escrever é também não falar. É calar-se. É uivar sem ruídos”.

Outro citado escritor bartlebyano, o fictício Roberto Moretti, escreveu *Instituto Pierre Menard*, paródia do famoso Instituto Benjamenta do livro *Jakob von Guten* de Robert Walser. *Instituto Pierre Menard*, romance ambientado em uma escola em que todos os alunos são ensinados a dizer “não” a inúmeras propostas, desde as mais absurdas às mais difíceis e irrecusáveis. Ao concluírem seus estudos, os alunos saem aptos a seguirem suas vidas como alegres copistas. O insidioso

romance invisível *Instituto Pierre Menard* é uma confirmação humorada do modo resignado da personagem Jacob von Guten diante de qualquer ambição grandiosa e de uma extrema humildade capaz de se satisfazer com o completo apagamento de si próprio. Como se pode ler nas palavras de Jacob von Guten: “Aprende-se muito pouco aqui, há falta de professores, e nós, rapazes do Instituto Benjamenta, nunca seremos ninguém, por outras palavras, nas nossas vidas futuras seremos apenas coisas muito pequenas e subalternas”.

Esse apagamento enérgico de si próprio reverte-se no direito de descobrir o movimento da obra em direção a ela mesma e a busca autêntica do seu lugar original: o espaço imaginativo, o vazio, a descontinuidade de ser, a intermitência dos instantes que levam à escrita.

O narrador prossegue seu rastreamento por Bartlebys e encontra-se com os Bartlebys suicidas. Diz não haver muito espaço para eles no seu livro. Pensa esse narrador que na morte pelas próprias mãos faltam matizes, as sutis invenções de outros artistas para justificar o silêncio. Mas acaba abrindo três exceções. Uma delas é o escritor Chamfort, um feroz partidário do Não, que dizia ser quase toda a humanidade escrava, porque não se atrevia a dizer não.

Chamfort é um homem que renuncia não apenas às vantagens do sucesso que teve como homem das letras, renuncia a própria vida. Destruiu seu corpo ferozmente e foi

mais além: desintegrou seu espírito. O romance que Chamfort nunca escreveu, e que podemos imaginar, baseia-se nessa extremada e cruel atitude consigo próprio. Chamfort ao negar a arte arrastou inúmeras outras negações ao limite. Levou o silêncio às últimas consequências.

Enrique Vila-Matas expôs de forma *sui generis* a questão teórica da literatura como a negação de si mesma. Em um livro que mistura biografias e ficção, o autor percorreu os caminhos de inúmeros escritores, do nosso e de outros tempos, em busca da essência da obra ou da não-obra. O que esses artistas do Não sempre pareceram saber é da não existência da essência da obra, da literatura. A busca dessa essência consiste em fugir da determinação essencial. Maurice Blanchot nos diz que a essência da literatura nunca está em lugar algum, é preciso sempre ir atrás para encontrá-la, inventá-la “de novo”. Difícil não concordar com a afirmação de Beckett de que as palavras sempre acabam nos abandonando.

Agnes Sanfelici
UFRGS